

Violência epistêmica e a mulher nos estudos de comunicação: análise do banco de dissertações do PPGCC da Uniso ¹

Antonio José de Souza ²

Resumo: Esse artigo tem como objetivo identificar as dissertações do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba que tratam da mulher entre os anos de 2017 a 2021 e verificar em que medida tais pesquisas estão amparadas em teorias de autores homens brancos europeus e estadunidenses. A metodologia parte da pesquisa exploratória no banco de dissertações do PPGCC para selecionar as pesquisas que vão compor o *corpus*. Partimos da teoria do epistemicídio de Grosfoguel (2016) para, a partir da análise de conteúdo, verificar se as pesquisas reiteram a violência epistêmica, especificamente em relação às mulheres pesquisadoras, ou se elas trazem para o corpo principal de suas teorias o pensamento de pesquisadores e pesquisadoras fora do eixo Europa-EUA.

Palavras-chave: Privilégio epistêmico. Mulher. Violência epistêmica. Epistemicídio.

1 Introdução

Esse artigo tem como objetivo identificar as dissertações do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (PPGCC) que tratam da mulher entre os anos de 2017 e 2021 para verificar em que medida tais pesquisas estão amparadas em teorias de autores europeus e norte-americanos e se elas incluem entre os pesquisadores basilares, aqueles que estão fora dessa centralidade.

Tal pesquisa se justifica, pois verifica em que medida o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, por meio de parte de sua produção acadêmica, colabora para o debate sobre o privilégio epistêmico do homem branco ocidental (GROSFUGUEL, 2016) em detrimento dos conhecimentos produzidos fora desse eixo dominante. Assim, é possível refletir em que medida o pensamento de mulheres está sendo usado para pensar a mulher, o feminino e suas questões.

Acreditamos que essa reflexão é justificada pois, apesar da expressiva presença feminina discente na pós-graduação no Brasil, de forma geral, as mulheres ainda são

¹ Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho GT5 – Mídias contemporâneas e práticas socioculturais do XVI Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 26 setembro de 2021.

² Doutorando em Comunicação e Cultura (Uniso), berilio88@gmail.com.

minorias entre docentes e pesquisadoras (GAMBA, 2021). Assim, refletir a respeito da inclusão da produção acadêmica de pesquisadoras é uma forma de valorizar seu trabalho e contrapor o privilégio epistêmico do homem branco ocidental na academia, assim como enfrentar essa determinada forma de violência epistêmica que cala vozes a partir da exclusão, privilegiando a pluralidade de visões.

Acreditamos que é importante que sejam trazidas as ideias de mulheres para pensar “a mulher”, pois assim amplia-se o olhar e o debate se enriquece ao incluir outras vozes fora de um eixo central masculino, europeu e norte-americano.

Em relação à nossa tese em desenvolvimento³, esse artigo é importante, pois permite verificar em que medida nosso trabalho pode somar aos trabalhos já realizados no PPGCC e contribuir para pensar sobre a mulher em relação à comunicação midiática.

A pesquisa realizada foi exploratória, buscando no banco de dissertações do PPGCC os trabalhos que, de alguma forma, abordavam a mulher e suas questões. Estabelecemos um recorte temporal de cinco anos (2017-2021), o que restringiu o número total de dissertações produzidas a 57. Destas, oito dissertações eram relativas à mulher.

Para a seleção inicial, levou-se em conta a leitura dos títulos, resumos, palavras-chave. Na análise, passamos à leitura das dissertações e nos concentramos nos resumos, introdução, conclusão e referências. Para a análise, consideramos especificamente os resumos – em que são anunciados os principais autores de referência – e nas referências, pois constam todas as obras e seus autores que, em maior ou menor medida, serviram à fundamentação teórica da pesquisa. A metodologia empregada para a análise das dissertações é a análise de conteúdo (LAKATOS; MARCONI, 2019) embasada nas ideias de Grosfoguel (2016) sobre o epistemicídio e o privilégio epistêmico do homem branco ocidental.

³ “A inveja feminina no Instagram: um estudo sobre comunicação e subjetividade”, cujo objeto de estudo serão as respostas e dados obtidos de universitárias de duas universidades de Sorocaba, a Uniso e a UNIP. O objetivo geral da pesquisa é investigar como a inveja se efetiva ou se atualiza nestas universitárias usuárias do Instagram, a partir do consumo de conteúdo produzido nessa rede por outras mulheres (comuns, do convívio, famosas e influenciadoras digitais).

2 Grosfoguel e o privilégio epistêmico

Grosfoguel⁴ (2016) considera o racismo/sexismo epistêmico um sério problema contemporâneo que vai além das universidades e tem profundas raízes históricas. Sua estrutura produz e reproduz privilégios e preconceitos, que fazem do homem ocidental – especialmente de alguns países europeus e dos EUA – o detentor do poder de definir o que é a verdade, de determinar e validar saberes, relegando o conhecimento produzido por mulheres e homens de outras regiões do planeta a uma posição inferior. Especificamente no mundo acadêmico, tende a reassegurar a centralidade e universalidade das teorias do homem branco ocidental.

Assim, as ideias de homens de cinco países – EUA, França, Itália, Alemanha e Inglaterra – moldariam a produção intelectual nas disciplinas das ciências sociais e humanidades em todo o mundo (e mais especificamente, nas universidades ocidentalizadas). Tal privilégio epistêmico foi construído, de acordo com Grosfoguel (2016), partir de quatro grandes genocídios/epistemicídios: a conquista de Al-Andaluz, o extermínio dos nativos na conquista das Américas, dos africanos na dominação da África e escravização nas Américas e, por fim, o assassinato das mulheres europeias acusadas de bruxaria.

Para Grosfoguel (2016, p. 25) “esses quatro genocídios/epistemicídios são fundantes da estrutura moderno-colonial e das universidades ocidentalizadas”. E mais: esse pano de fundo foi a condição para o surgimento do “penso, logo existo” de Descartes. Antes do *cogito*, houve um “extermínio, logo existo” (GROSFOGUEL, 2016) fundante.

Essa análise de Grosfoguel parte do pensamento crítico de Dussel e Boaventura Sousa Santos. Deste, ele traz o conceito de *epistemicídio*, que trata da “destruição de conhecimentos ligada à destruição de seres humanos” (GROSFOGUEL, 2016, p. 26). De Dussel, Grosfoguel segue sua crítica ao pensamento cartesiano para verificar sua influência nas estruturas do conhecimento das universidades ocidentalizadas.

A partir desses autores, Grosfoguel investiga as raízes do racismo/sexismo no mundo moderno/colonial e sua relação com a estrutura do conhecimento contemporâneo.

⁴ Ramón Grosfoguel é sociólogo e professor na Universidade de Berkley de estudos Chicanos/Latinos. É um dos teóricos contemporâneos da decolonização.

Para Grosfoguel (2016), o “penso, logo existo” de Descartes constitui uma nova fundação do conhecimento, pois insere um “Eu” no lugar de Deus, capaz de produzir um conhecimento verdadeiro, universal e supostamente objetivo. Tal conhecimento está além do tempo e do espaço, não é condicionado a particularidades e sua “objetividade” pode ser entendida como “neutra” e equivalente à visão do “olho de Deus” (GROSFOGUEL, 2016, p. 28).

Para sustentar esse “Eu” capaz de ocupar o lugar do “Olho de Deus”, Grosfoguel argumenta que Descartes partiu de um argumento ontológico e outro epistemológico. O argumento ontológico é que a mente é feita de uma substância diferente do corpo (dualismo ontológico). Tal premissa liberta a mente do determinismo e limites do corpo, assim como o Deus cristão, “flutuando no céu, indeterminada por nenhuma influência terrestre e que pode produzir conhecimento à visão do olho de Deus” (GROSFOGUEL, 2016, p. 29). A pretensão à universalidade é assim possível, pois não é determinada por condições específicas da existência, assim como o Deus cristão e sua universalidade.

Assim, o conhecimento produzido por esse “Eu” alça voo à universalidade, pois é produzido por uma mente de substância diferente do corpo; ou seja, o conhecimento não é localizado, determinado por condições específicas, caso corpo e mente fossem da mesma substância. O “Eu” assim equivale ao olho de Deus.

Já o argumento epistemológico afirma que o conhecimento é produzido a partir do método do solipsismo, em que o sujeito, a partir de um monólogo interior, pergunta e responde até alcançar a certeza do conhecimento. E qual o impacto disso?

Segundo esse argumento, o conhecimento, portanto, não é social, dialógico, produzido no encontro com o outro. Caso a produção de conhecimento fosse determinada por um contexto social, histórico, cultural (em suma, uma situação particular), então, o “Eu” não poderia produzir conhecimento universal, para além de particularidades; não seria assim universal como a visão do olho de Deus.

Descartes introduz então a possibilidade de um conhecimento não situado, generalizável para além de limites contextuais, equivalente a Deus, o que é relevante para a “tradição do pensamento ocidental masculino” inaugurada pela filosofia cartesiana é o que constitui um evento histórico e mundial (GROSFOGUEL, 2016, p. 30).

Seguindo as pistas de Dussel, Grosfoguel apresenta o argumento de que o *Ego conquiro* é a condição que possibilita o *Ego cogito* de Descartes. Isso quer dizer que, para

haver um “Eu” que se sabe no centro do mundo, produtor de conhecimento, teve que haver um “Eu” que conquistou o mundo, o ser imperial (DUSSEL, 2005 apud GROSFUGUEL).

“O ‘eu conquisto’, que começou com a expansão colonial em 1492, é a fundação e a condição da possibilidade do “eu penso” idolátrico que seculariza todos os atributos do Deus cristão e substitui Deus como fundamento do conhecimento” (GROSFUGUEL, 2016, p. 31). Essa virada epistemológica permitiu ao homem europeu alcançar “qualidades divinas” e colocar-se no centro do mundo, como detentor do conhecimento.

Porém, Grosfoguel argumenta que há um “elo perdido” que conecta o *Ego cogito* e o *Ego conquiro*: o *Ego extermino*. Ele fornece as condições necessárias para o racismo/sexismo epistêmico e conecta a partir do “Extermino, logo existo” o “Conquisto, logo existo” e o “Penso, logo existo”. “É a lógica conjunta do genocídio/epistemicídio que serve de mediação entre o “conquisto” e o racismo/sexismo epistêmico do “penso” como novo fundamento do conhecimento do mundo moderno e colonial” (GROSFUGUEL, 2016, p. 31).

Assim, os quatro genocídios/epistemicídios apontados por Grosfoguel foram a condição sócio-histórica que permitiram a passagem de um “Conquisto, logo existo” para o “Penso, logo existo” com suas consequências. Analisados em conjunto, como partes da estrutura epistêmica de um sistema-mundo que começa com a expansão colonial do século XVI, é possível compreendê-los como a base sobre a qual se estruturou o privilégio epistêmico do homem ocidental.

No caso da conquista de Al-Andalus, foi realizada uma limpeza étnica contra as populações muçulmanas e judias por parte da monarquia cristã para retomar o território sob a autoridade do califado de Granada, produzindo um genocídio físico e cultural (GROSFUGUEL, 2016).

Judeus e muçulmanos foram expulsos e mortos de suas terras. Os sobreviventes tiveram que se converter à fé cristã. A pureza de sangue foi o discurso que serviu para vigiar os convertidos, para que sua conversão não fosse apenas “da boca para a fora”. “A humanidade das vítimas não era posta em julgamento. O que se colocava em dúvida era a identidade ideológica e teológica dos sujeitos sociais” (GROSFUGUEL, 2016, p. 33).

Para Grosfoguel, a tomada de Al-Andalus está intimamente relacionada à conquista das Américas. A monarquia cristã espanhola desejava unificar seu território sob

um único governo, uma única identidade nacional e sob a fé cristã. A partir da consolidação do domínio sobre Al-Andalus, o projeto de expansão territorial além-mar podia ser efetivamente realizado e Colombo teve sua “carta branca” para sua jornada marítima.

Outro ponto fundamental: o modelo de dominação e colonização empreendido em Al-Andalus pelos espanhóis cristãos foi exportado para as Américas. Os conquistadores espanhóis cometeram um genocídio e um epistemicídio com as populações ameríndias: mataram, escravizaram e destruíram suas culturas e seus registros escritos.

Al-Andalus teria surgido para forjar a mentalidade do conquistador espanhol, tanto que “Hernán Cortés – o conquistador do México – confundiu os templos astecas com mesquitas” (GROSGUÉL, 2016, p. 34). Porém, a conquista das Américas também influenciou na conquista dos mouriscos e marranos (muçulmanos e judeus convertidos, respectivamente).

Da mesma forma que as técnicas militares e evangelizadoras (a população ameríndia também foi vítima da salvação cristã, que depredou sua espiritualidade) utilizadas em Al-Andalus foram aplicadas no continente americano, a conquista das Américas ocupa lugar central na produção de novos discursos e formas de dominação no século XVI (GROSGUÉL, 2016), moldando um novo imaginário, deslocando as relações entre religião, império e raça, que culminam em uma nova hierarquia racial.

A partir da afirmação de Colombo, de que os índios eram um povo sem religião, no imaginário cristão da época, não ter religião era o mesmo que não ter alma, pois ter religião era universal; portanto, um ser sem religião era algo fora do domínio do que é humano. Se não tem religião, não tem Deus e não tem alma; não é humano, logo, é um animal que pode ser submetido e dominado.

Como consequência, a dominação dos mouriscos e marranos se transforma. Antes, eram apenas pessoas que adoravam o Deus errado. Agora, sua humanidade é posta em julgamento, diante do racismo religioso. O mesmo princípio se estendeu aos negros. Considerados povos sem alma, foram dominados e escravizados nas Américas. Porém, a escravização dos povos da África serviu para converter o racismo religioso em um racismo de cor.

Da mesma forma, esses povos sofreram um genocídio – foram perseguidos, mortos, muitos morreram na jornada até às Américas e outros milhões morreram sob

violência em seus novos “lares” – e um epistemicídio: nas Américas, foram impedidos de vivenciar sua espiritualidade e práticas religiosas, assim como de praticar suas culturas e conhecimentos. “A ideia racista preponderante no século XVI era a de ‘falta de inteligência’ dos negros, expressa no século XX como ‘os negros apresentam o mais baixo coeficiente de inteligência’” (GROSFOGUEL, 2016, p. 40).

O quarto genocídio/epistemicídio é o das mulheres europeias que dominavam conhecimentos xamânicos de tempos ancestrais e os transmitiam geração após geração. A perseguição a essas mulheres começou na Idade Média e intensificou-se nos séculos XVI e XVII. Mas por que elas representavam uma ameaça a ser combatida? Elas acumulavam conhecimentos diversificados, tinham papel de liderança e trabalhavam em prol da organização comunitária e em comunhão com a terra. Destruí-las era fundamental para a consolidação de um patriarcado cristão, para a destruição de relações comunitárias e para a manutenção do poder da aristocracia, uma classe que se tornava transnacional, cujo domínio ia da agricultura europeia às colônias (GROSFOGUEL, 2016).

Além disso, Grosfoguel retoma o argumento de Silvia Federici, para quem a escravização dos povos africanos e a caça às bruxas estão intimamente associados à acumulação primitiva durante a expansão capitalista e à formação de reserva de trabalho para o capitalismo global.

Como consequência desse árduo processo, ficou estabelecido um poder racial e patriarcal e estruturas epistêmicas de alcance global misturadas com o processo da acumulação global capitalista. Os quatro genocídios/epistemicídios do século XVI resultaram em estruturas racistas e sexistas que foram prontamente incorporadas pelas universidades ocidentalizadas.

3 Análise da produção do PPGCC

Até o momento da pesquisa realizada, o banco de dissertações do PPGCC contava com 179 trabalhos, que vão desde 2008 a 2021. Nossa pesquisa limitou-se aos trabalhos entre 2017 e 2021, resultando num total de 57 dissertações no período. Este recorte se justifica porque abarca a produção mais recente e alinhada às discussões contemporâneas do campo da Comunicação.

Para identificar as dissertações que, de alguma forma, abordavam a mulher, realizamos uma pesquisa exploratória. Como resultado, identificamos oito dissertações no período definido.

1 – Dissertações selecionadas no período de 2017 a 2021

Dissertações do PPGCC que abordam a mulher			
Interfaces comunicação e fisioterapia dermatofuncional: a teoria das mídias e a celulite analisadas em sites de beleza	Autora: Renata Puertas Ernandes Bertozzo	Orientador: Prof. Dr. Paulo Celso da Silva	Ano: 2017
Gospel e secular no jornalismo: a antropofagia da popstora baby do brasil	Autora: Isabella Reis Pichiguelli Scaranello	Orientadora: Profa. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva	Ano: 2017
Imagem cinematográfica e pensamento: o figurino na constituição da imagem-pulsão no filme Volver de Almodóvar	Autora: Carla Alessandra Vichi	Profa. Dra. Maria Ogécia Drigo	Ano: 2019
As transformações da imagem de Dilma Rousseff via fotografias da Folha de S.Paulo de 2005 a 2016	Autora: Jéssica Cristina de Campos	Profa. Dra. Luciana Coutinho Pagliarini de Souza	Ano: 2020
Uma vida em troca de likes: uma análise do canal do Youtube de Taciéle Alcoléa	Autora: Carolina Rocha de Campos	Orientadora: Profa. Dra. Tarcyanie Cajueiro Santos	Ano: 2020
Cinema e Mulher: os femininos nas composições das narrativas cinematográficas de Laís Bodanzky	Autora: Maria Fernanda Cavassani	Orientadora: Profa. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva	Ano: 2020
Jornalismo literário e cobertura de guerra: a produção de Dorrit Harazim	Autora: Bruna Emy Camargo	Orientadora: Profa. Dra. Monica Martinez	Ano: 2021
Comunicação, afetos e narrar de si: análise de narrativas sobre a maternagem no canal Ter.a.pia no Youtube	Autora: Renata de Brito Silva	Orientadora: Profa. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva.	Ano: 2021

Fonte: elaboração própria (2022).

Num primeiro olhar exploratório, é possível identificar que todas as dissertações são de autoria de mulheres. E foram majoritariamente orientadas por mulheres. No período investigado, o programa conta 34 discentes (mestrado e doutorado), sendo 15 mulheres e 19 homens. Na contramão da situação geral da pós-graduação no Brasil, as mulheres são maioria entre os docentes (sete mulheres e três homens) do PPGCC. Outro dado que chama a atenção é que no período pesquisado, a Profa. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva orientou três das oito dissertações identificadas.

Para analisar as dissertações, a metodologia empregada é a análise de conteúdo “considerada por alguns autores uma técnica de tratamento e análise de informações colhidas de um documento escrito” (LAKATOS; MARCONI, 2019, p. 307).

Tal abordagem foi adotada porque torna possível decompor o material a ser analisado e distribuí-lo em categorias que nos permitem fazer uma descrição dos resultados obtidos a partir dessa categorização. Dessa forma, é possível passar à interpretação dos dados, o que fizemos à luz das ideias de Grosfoguel (2016) sobre o privilégio epistêmico do homem ocidental e o racismo/sexismo instaurado nas universidades.

Primeiro, realizamos uma separação temática entre as dissertações. A classificação proposta levou em conta alguns traços comuns encontrados entre elas. Assim, elas foram divididas em “Temas femininos”, que englobam dissertações que abordam temas referentes ao universo feminino em geral; “Mulheres específicas”, que trata das dissertações que abordam mulheres específicas e sua presença nos meios de comunicação; a última categoria é “Representações da mulher”, que vai abordar uma dissertação que trata de uma personagem cinematográfica específica.

Depois, concentramo-nos especificamente na leitura do resumo, introdução e nas referências bibliográficas. Especificamente no resumo e introdução, buscamos verificar quem são os autores cujas teorias norteiam a pesquisa. Após essa análise, estabelecemos categorias para separar os autores.

Na sequência, observamos nas referências os autores citados, sem nos preocupar com a quantidade de obras de um mesmo autor que foram citadas. Estabelecemos uma nova divisão por categoria para distribuí-los. Para essa seleção, consideramos apenas os autores acadêmicos, desconsiderando autores de matérias jornalísticas ou outros tipos de produções.

2. Distribuição temática das dissertações

Dissertações do PPGCC que abordam a mulher			
Dissertações	Temas femininos	Mulheres específicas	Representações da Mulher
Interfaces comunicação e fisioterapia dermatofuncional: a teoria das mídias e a celulite analisadas em sites de beleza	X		
Gospel e secular no jornalismo: a antropofagia da popstora Baby do Brasil		X	
Imagem cinematográfica e pensamento: o figurino na constituição da imagem-pulsão no filme Volver de Almodóvar			X
As transformações da imagem de Dilma Rousseff via fotografias da Folha de S.Paulo de 2005 a 2016		X	
Uma vida em troca de likes: uma análise do canal do Youtube de Taciéle Alcoléa		X	
Cinema e Mulher: os femininos nas composições das narrativas cinematográficas de Laís Bodanzky		X	
Jornalismo literário e cobertura de guerra: a produção de Dorrit Harazim		X	
Comunicação, afetos e narrar de si: análise de narrativas sobre a maternagem no canal Ter.a.pia no Youtube	X		

Fonte: elaboração própria (2022).

A partir dessa primeira classificação geral, é possível verificar que algumas dissertações vão abordar uma mulher específica sob algum aspecto, ou vão tratar de temas femininos ou ligados à vida da mulher de forma geral, ou vamos ter alguma representação da mulher a ser estudada.

Bertozzo (2017) trata de um tema feminino na dissertação “Interfaces comunicação e fisioterapia dermato funcional: a teoria das mídias e a celulite analisadas em sites de beleza”. O objetivo geral e específico de sua pesquisa são

identificar a fidedignidade das informações relacionadas à celulite contidas nos sites de beleza, e [...] discutir, sobre o papel destas informações no padrão de beleza imposto pela mídia, quando se trata da busca do corpo sem imperfeições estéticas (BERTOZZO, 2017, p. 10).

Bertozzo, portanto, buscou verificar em sua pesquisa se as informações em *sites* de beleza são realmente plausíveis em relação a tratamentos de celulite e a relação desse tipo de conteúdo com determinados padrões de beleza feminina veiculados nos meios de comunicação.

O resumo aponta dois autores cujas teorias servem para sustentar seu argumento: Baitello Junior na comunicação e Borges na fisioterapia dermato-funcional. Ao observar suas referências bibliográficas, temos a seguinte distribuição de autores:

3. Distribuição de autores nas referências

Autores				
	Brasileiros	Norte-americanos	Europeus	Outros
Homens	40%		10%	
Mulheres	50%			

Fonte: elaboração própria (2022).

No geral, vemos que há uma distribuição entre autores homens e mulheres, e uma expressiva prevalência de autores brasileiros.

Na dissertação “Gospel e secular no jornalismo: a antropofagia da popstora Baby do Brasil” de Scaranello, seu objetivo geral é

compreender como as imprensas online, tanto as de notícias gerais quanto as especializadas no mundo gospel, percebem o trânsito entre cultura gospel e cultura secular, em particular nas matérias sobre Baby do Brasil, em meio a outros aspectos das narrativas da cantora, como o humor e temas polêmicos. (SCARANELLO, 2017, p. 14).

Scaranello aborda a produção da imprensa secular e gospel sobre Baby Consuelo, especificamente em seu trânsito entre diferentes culturas, porém, não considera em sua análise os impactos de Baby mulher. Sendo mulher, como os homens jornalistas a

descrevem, se há diferença na abordagem quando a matéria é escrita por jornalistas mulheres. Em suma, ela não entra nas questões de gênero em sua análise.

No resumo da dissertação, cita os autores cujas ideias são seu principal referencial: Iuri Lotman, Mikhail Bakhtin, Oswald de Andrade, Míriam Cristina Carlos Silva, Magali Cunha, Jorge Miklos, Muniz Sodré e Laurence Bardin. Temos dois autores europeus da Rússia/ URSS, que Grosfoguel (2016) não considera um dos países centrais na produção hegemônica de conhecimento, uma autora francesa e cinco autores brasileiros, dos quais duas são mulheres.

Em suas referências bibliográficas, há a seguinte distribuição de autores:

4. Distribuição de autores nas referências

Autores				
	Brasileiros	Norte-americanos	Europeus	Outros
Homens	52%		17%	
Mulheres	30%		2%	

Fonte: elaboração própria (2022).

Há a predominância de autores brasileiros, mas a presença feminina não está tão equilibrada em termos quantitativos. Porém, vemos que entre os autores de base de Scaranello, há uma quantidade relevante de mulheres, sendo uma delas, sua orientadora.

Já no caso de Vichi (2019), em seu resumo é apresentado um autor principal: Gilles Deleuze. Sua pesquisa se baseia em um ponto específico de sua obra, na qual ele empreende reflexões a respeito do cinema em confluência com as ideias do lógico americano Peirce.

Em sua pesquisa, a mulher funciona como um suporte; ou melhor, a representação da mulher, pois sua pergunta norteadora “Como o figurino da personagem Raimunda contribui para que as imagens-pulsão predominem no filme *Volver*, de Pedro Almodóvar?” (VICHI, 2019, p. 29) anuncia que se trata de abordar aspectos específicos de uma personagem cinematográfica, vistos pelas lentes teóricas de Deleuze.

Nas referências bibliográficas, há a seguinte distribuição de autores:

5. Distribuição de autores nas referências

Autores				
	Brasileiros	Norte-americanos	Europeus	Outros
Homens	25%	12%	21%	
Mulheres	36%		6%	

Fonte: elaboração própria (2022).

Há mais autores brasileiros do que estrangeiros na dissertação de Vichi, sendo que a maioria são mulheres. Agora, se nos atentarmos para os trabalhos desses autores, veremos que há alguns autores brasileiros falando especificamente sobre a obra de Deleuze, o que é esperado, uma vez que é o principal autor que serve de referência à autora.

Vale destacar que Deleuze é um pensador cuja obra tem sido abordada por Drigo – orientadora de Vichi – há alguns anos, especialmente nesse diálogo de ideias que o filósofo francês trava com o pensamento de Peirce, autor cuja obra Drigo estuda profundamente há algumas décadas.

A dissertação de Campos (2020) trata de uma mulher específica, Dilma Rousseff, e a construção de sua imagem por meio da fotografia jornalística, focando na produção do jornal Folha de São Paulo. O objetivo geral da pesquisa é “compreender como aspectos inerentes à fotografia jornalística, bem como à moda (vestimenta, acessório) podem contribuir no processo de construção da imagem de um político” (CAMPOS, 2020, p. 24).

Os autores principais que amparam sua pesquisa são Dubois, Barthes, Sousa, Barnard, Eco, Lurie e Lipovetsky. Essa apresentação de autores, até o momento, é a mais de acordo com o privilégio epistêmico definido por Grosfoguel (2016): homens europeus (franceses e italianos), um brasileiro e uma autora americana.

6. Distribuição de autores nas referências

Autores				
	Brasileiros	Norte-americanos	Europeus	Outros
Homens	33%	4%	24%	
Mulheres	29%	4%	4%	

Fonte: elaboração própria (2022).

A distribuição de autores em categorias já apresenta um resultado diferente da seleção dos autores fundamentais à argumentação de Campos: há um predomínio de autores brasileiros com número equilibrado entre homens e mulheres. Em quantidade, os brasileiros são seguidos pelos europeus. Porém, a divisão entre homens e mulheres é mais desigual.

Já na dissertação de Carolina Rocha de Campos, “Uma vida em troca de *likes*: uma análise do canal do Youtube de Taciéle Alcoléa”, cujo objetivo geral “é o de investigar o fenômeno midiático das *youtubers* brasileiras que atingem a fama por conta da exposição de seus cotidianos na rede social” (CAMPOS, 2020, p. 22). Os autores fundamentais que Campos apresenta são Recuero, Castells, Giddens, Sennet, Bauman, Sibilía, Lasch e Thompson. Para discutir o contexto contemporâneo da mulher brasileira, ela recorre às ideias de Garcia, Lipovetsky e Santaella.

Das dissertações verificadas até aqui, é a primeira que anuncia já no resumo que vai abordar a mulher (no contexto específico, a mulher contemporânea brasileira). É um trabalho que analisa a produção midiática de uma brasileira e que procura discutir o contexto a partir de um suporte teórico.

7. Distribuição de autores nas referências

Autores				
	Brasileiros	Norte-americanos	Europeus	Outros
Homens	25%	14%	11%	3%
Mulheres	42%	6%		

Fonte: elaboração própria (2022).

Na distribuição geral de autores que estão nas referências, há uma predominância numérica de autores brasileiros e mulheres. Especificamente nessa dissertação, há maior presença de autores americanos do que europeus. Aqui, vale ressaltar uma variável que pode influenciar na escolha de autores: as influências teóricas dos orientadores.

Cada orientador trabalha com determinados marcos teóricos e tende a manter diálogo com comunidades científicas nacionais e internacionais específicas. Dependendo do que cada um estuda, vai ter maior diálogo com autores de língua inglesa ou hispânica, maior interesse por autores europeus, latino-americanos ou norte-americanos.

Camargo também focou em uma mulher específica na pesquisa que resultou na dissertação “Jornalismo literário e cobertura de guerra: a produção de Dorrit Harazim”. O principal objetivo da pesquisa é “contribuir para a compreensão do jornalismo literário produzido por Dorrit Harazim na cobertura de guerras e conflitos no Vietnã, no Chile, na Cisjordânia e em Nova York” (CAMARGO, 2021, p. 28).

Suas principais referências teóricas anunciadas logo no resumo são Bardin, Martinez, Bak, Lima, Knightley e Schelp. A partir dos autores que constam nas referências, pudemos fazer a seguinte distribuição:

8. Distribuição de autores nas referências

Autores				
	Brasileiros	Norte-americanos	Europeus	Outros
Homens	24%	10%	4%	2%
Mulheres	29%	17%	8%	4%

Fonte: elaboração própria (2022).

Os autores brasileiros são maioria nas referências, seguido por americanos. Em qualquer categoria, as mulheres são maioria. Nessa dissertação, o elevado número de autores americanos em relação aos europeus pode ter a ver com o tema e o objeto de pesquisa, assim como as afinidades teóricas da autora e sua orientadora.

Outro ponto que vale ser citado e pode ter colaborado para o maior número de autoras é que entre os objetivos específicos, a autora se propõe a identificar especificidades da produção de Dorrit Harazim que podem ter a ver com o fato dela ser mulher.

A dissertação de Silva (2021) “Comunicação, afetos e narrar de si: análise de narrativas sobre a maternagem no canal Ter.a.pia no Youtube” é norteada pela questão “de que forma são compostas as narrativas sobre maternagem no canal Ter.a.pia, tendo-se em vista a relação entre comunicação e afetos?” (SILVA, 2021, p. 17).

Para empreender sua pesquisa, a autora se apoiou nas teorias de Gancho, Benjamin, Spinoza, Cyrulnik, Hooks, O’Reilly e Bahia. A partir de suas referências, fizemos a seguinte distribuição de autores:

9. Distribuição de autores nas referências

Autores				
	Brasileiros	Norte-americanos	Europeus	Outros
Homens	19%		22%	
Mulheres	52%	4%		4%

Fonte: elaboração própria (2022).

Observando as referências na dissertação de Silva, é possível perceber que seus autores são majoritariamente brasileiros e mulheres e, de forma geral, estão mais alinhadas ao seu corpo teórico de base.

Por fim, abordaremos a dissertação “Cinema e Mulher: os femininos nas composições das narrativas cinematográficas de Laís Bodanzky” de Cavassani. Porém, por questões técnicas relativas ao acesso ao texto no banco de dissertações e teses do PPGCOM, nos limitaremos ao resumo, pois é a única parte que tivemos acesso até o momento. Acreditamos que tal procedimento afeta a análise geral, porém, o prejuízo não justifica a exclusão da dissertação do *corpus* selecionado.

A pesquisa de Silva aborda a produção cinematográfica de Laís Bodanzky para investigar as representações do feminino em seus filmes. Os autores que compõem seu referencial de base citados no resumo são Vanoye, Goliot-Lété, Gancho, Flusser, Benjamin, Silva, Paz, Stam e Jacques Aumont. Destacamos que, já no resumo, Cavassani anuncia que vai abordar questões de gênero a partir das ideias de Beauvoir e Butler.

Em linhas gerais, há uma prevalência de autores homens europeus, portanto. Mas há mulheres e uma autora brasileira entre as referências basilares que, aliás, é a orientadora de Cavassani. Após a análise dos dados, é possível inferir que, nas dissertações selecionadas, há um maior equilíbrio entre autores brasileiros e europeus e há a presença expressiva de mulheres. Mas, apesar disso, entre os autores anunciados como os principais teóricos de referência, há uma presença expressiva de autores homens e muitos europeus.

10. Distribuição de autores nas referências de todas as dissertações

Autores				
	Brasileiros	Norte-americanos	Europeus	Outros
Homens	30%	8%	14%	1%

Mulheres	34%	7%	15%	2%
----------	-----	----	-----	----

Fonte: elaboração própria (2022).

Assim, é possível verificar que o privilégio epistêmico do homem ocidental citado por Grosfoguel (2016) se reflete nas escolhas teóricas das dissertações analisadas. Porém, o racismo/sexismo, especificamente o sexismo, está sendo contrabalanceado com a presença expressiva de autoras mulheres, em maior número nas referências ainda, mas já aparecendo entre os autores principais.

Há uma expressiva presença de autores brasileiros e equilíbrio numérico entre homens e mulheres. A categoria “Outros”, porém, apresenta um problema a ser investigado em momento posterior, pois extrapola os limites do artigo: o diálogo com autores de outros países latino-americanos e com autores africanos, por exemplo. Também vale citar até que ponto autores transgênero estão sendo consultados.

Portanto, é possível afirmar que o PPGCC está acompanhando os debates contemporâneos do campo da comunicação que tratam da questão do racismo/sexismo e privilégio epistemológico e sua produção discente acompanha mudanças positivas sobre isso. Chama nossa atenção o fato de haver apenas discentes pesquisadoras tratando das questões que envolvem a mulher. Por que isso? O gênero favorece a aproximação temática? Falta de interesse dos homens em empreender pesquisas sobre as mulheres? Ou é o reflexo da superioridade numérica das mulheres no PPGCC?

Quanto às escolhas gerais de teorias e autores, estabelecemos a hipótese de que as preferências e afinidades dos orientadores podem influenciá-las, assim como suas pesquisas desenvolvidas no momento em que acontecem as orientações. Em contrapartida, também há as referências teóricas dos orientandos. Cada discente traz sua bagagem, suas leituras, os autores que lhe interessam. Suas escolhas e afinidades teóricas podem também apontar para o privilégio epistêmico na academia e como ele faz parte do processo de formação intelectual.

Outra hipótese que aventamos é que o racismo/sexismo é inerente à estrutura das universalidades ocidentalizadas. Assim, os próprios docentes pesquisadores podem reproduzi-la sem dar-se conta; pode haver uma tendência inconsciente nas escolhas e afiliações teóricas, portanto. Acreditamos que uma estratégia possível para enfrentar o privilégio epistêmico é justamente a tomada de consciência sobre esse problema e a escolha consciente de autores fora desse eixo central.

4 Considerações finais

Neste artigo identificamos as oito dissertações do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura entre os anos de 2017 e 2021 que abordam a mulher e suas questões. À luz das ideias de Grosfoguel no artigo “A estrutura do conhecimento nas universalidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI”, realizamos uma análise de conteúdo que não se pretendia exaustiva ou definitiva, a fim de identificar em que medida as escolhas teóricas e de autores reflete ou não esse privilégio epistêmico nessas dissertações, reforçando uma violência epistêmica que exclui vozes e visões dissonantes.

Verificamos que, entre as dissertações selecionadas, há uma presença expressiva de autoras – totalizando 58% – inclusive brasileiras, que representam 34%. Também é possível averiguar que elas aparecem entre os autores principais. Há ainda um número muito expressivo de autores homens – 53% no total –, porém, muitos desses autores são brasileiros (30%). Podemos verificar que, apesar da maior presença de brasileiros, os autores homens europeus predominam entre as referências teóricas de base nas dissertações. Aliás, entre homens e mulheres, é possível verificar, conforme Grosfoguel (2016), a força do privilégio epistêmico europeu nas dissertações do programa (29% do total de autores).

Uma hipótese que levantamos sobre isso tem a ver com as afinidades teóricas dos orientadores. Talvez reflitam essa questão estrutural do racismo/sexismo e do privilégio epistêmico. Porém, nessas dissertações, há um maior equilíbrio nas escolhas dos autores, para além desse eixo dominante EUA-Europa (44% do total de autores), assim como uma expressiva presença feminina e brasileira (34%).

Assim, concluímos que o PPGCC da Universidade de Sorocaba está inserido nos debates sobre as questões de gênero, privilégio epistêmico e racismo/sexismo. Especialmente ao abordar a mulher, não o faz do ponto de vista de teorias de homens falando sobre mulheres; traz a mulher para pensar “a mulher” e suas questões, combatendo o privilégio epistêmico do homem ocidental a partir de da inclusão de outras vozes e visões no debate.

Referências

BERTOZZO, Renata Puertas Ernandes. **Interfaces comunicação e fisioterapia dermatofuncional: a teoria das mídias e a celulite analisadas em sites de beleza.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2017.

CAMARGO, Bruna Emy. **Jornalismo literário e cobertura de guerra: a produção de Dorrit Harazim.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2021.

CAMPOS, Carolina Rocha de. **Uma vida em troca de likes: um análise do canal do Youtube de Taciéle Alcoléa.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2020.

CAMPOS, Jéssica Cristina de. **As transformações da imagem de Dilma Rousseff via fotografias da Folha de S. Paulo de 2005 a 2016.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2020.

CAVASSANI, Maria Fernanda. **Cinema e mulher: os femininos nas composições das narrativas cinematográficas de Laís Bodanzky.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2020.

GAMBA, Sabine Righetti Estevão. **Na pós-graduação, mulheres são maioria entre discentes, mas minorias entre docentes.** Yahoo Esportes, 2021. Disponível em: <<https://esportes.yahoo.com/noticias/na-p%C3%B3s-gradua%C3%A7%C3%A3o-mulheres-s%C3%A3o-074000708.html>>. Acesso em: 08 de dezembro de 2021.

GROSGOUEL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI.** Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 25–49, abr. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3h06n5A>. Acesso em: 08 dez. 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 2019.

SCARANELLO, Isabella Reis Pichiguelli. **Gospel e secular no jornalismo: a antropofagia da popstora Baby do Brasil.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2017.

SILVA, Renata de Brito. **Comunicação, afetos e narrar de si: análise de narrativas sobre a maternagem no canal ter.a.pia no youtube.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2021.

VICHI, Carla Alessandra. **Imagem cinematográfica e pensamento: o figurino na constituição da imagem-pulsão no filme Volver de Almodóvar.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2019.